

CHORA BRASIL

Abril /2007 - Número 1 - Ano I - Quinzenal - Distribuição Gratuita

Partitura:

Carinhoso
(Pixinguinha &
João de Barro)

Especial Biografia de Pixinguinha

E mais:

- Instrumentos Utilizados
- História do Chorinho
- Curiosidades sobre o Choro



ISSN 1415985-6



CVS

a qualquer momento.

Os melhores músicos do Brasil sabem que marca escolher.

A Linha Luthieria Giannini é composta de instrumentos totalmente maciços, feitos com as madeiras mais nobres e pelos melhores luthiers da empresa. Com versões acústicas e eletroacústicas, os modelos da Série Luthieria Giannini atendem aos mais exigentes músicos, porque são versáteis, com timbre equilibrado e com bastante dinâmica.

Por essas e outras, estamos exportando esses instrumentos para mais de 15 países, elevando o nome do Brasil quando o assunto é qualidade.

São mais de 100 anos fazendo o melhor, para os melhores músicos.

Conheça as madeiras utilizadas nos instrumentos:

RED CEDAR

Muito utilizada para a construção de violões, o Cedro-vermelho possui um timbre bastante equilibrado e baseado nas frequências médias, o que o torna especial para estilos dedilhados. Sua coloração é visualmente atraente e bastante uniforme.

INDIAN ROSEWOOD

Ótima ressonância, com graves bem projetados e fiéis. Muito utilizado para a construção de instrumentos, graças às suas principais características: qualidade, consistência e timbre.

MOGNO

Possui volume e imposição sonora excelente, além de características acústicas muito peculiares, com destaque para agudos claros e brilhantes. Além disso é mais leve do que muitas madeiras como Jacarandá, Maple, entre outras. O Mogno é fibroso e tem média densidade.

ÉBANO

De cor preta, o Ébano pode ser considerado uma das mais densas madeiras e por essa característica é utilizada em escalas dos melhores instrumentos do mundo. Conferem nobreza e sofisticação ao instrumento, além de absorver muito pouco da vibração das cordas melhorando a sustentação das notas.

CEDRO

É uma das madeiras mais utilizadas em Luthieria graças à sua densidade média e grande estabilidade. Por sua versatilidade é usada em braços, corpos, faixas e fundos, possuindo uma ótima condução sonora. Quando usado em instrumentos acústicos, confere boa sustentação e definição dos harmônicos.

SITKA

Possui veios bastante uniformes e ótima durabilidade. É muito utilizada para construção de instrumentos pois sua estrutura física é um perfeito condutor para o som, graças à sua tensão natural.

PINO ABETO

Originário de regiões muito frias da Europa, o Pino Abeto é uma das madeiras favoritas dos Luthiers para tampo de instrumentos finos e de alto padrão. Os instrumentos que utilizam essa madeira produzem um som bem focado, com todas as nuances das notas bem definidas, além de possuírem um brilho bem característico que valoriza o ataque e a dinâmica do som.



Emmerson Nogueira



Ivan Vilela



Guinga



Craviolas*

Violas Caipiras

Cavaquinhos



Violões Clássicos

Violões Cutaway

Bandolins

Arismar do Espírito Santo

Toquinho

João Bosco

Luthieria



Giannini®

www.giannini.com.br

Editorial

Caro leitor,

Essa é a primeira edição do Chora Brasil e a nossa proposta é levar ao leitor a história do surgimento de um dos mais importantes gêneros musicais da cultura brasileira, o **Chorinho**. No início o choro era apenas uma maneira chorosa de se interpretar músicas de época, porém os chorões foram se desvinculando de suas tradições e passaram a utilizar o improviso em suas composições surgindo o choro moderno. Com três séculos de existência, o choro é conhecido mundialmente, é espantoso que nos Estados Unidos e na Europa é comemorado o Dia do Choro e no Brasil muita gente desconhece essa data.

Durante o fechamento desta edição fizemos um levantamento jornalístico sobre choro e percebemos que foi difícil coletar dados sobre os Chorões e suas histórias, talvez porque o povo brasileiro esteja esquecendo do seu passado musical e a falta desse tipo de interesse faz desaparecer da mídia esse acervo tão importante para a cultura brasileira.

Por isso, aproveitem nossa revista, e ajude-nos divulgar o Chorinho e resgatar seu patrimônio.

Abrços
Ana Paula Marotti
Editora Chefe

Sumário



Página 5 O Choro

A história de estilo musical que apaixonou nossos avós e está sumindo de nossas rádios.

Página 8 Pixinguinha

Biografia detalhada, de um dos maiores chorões da história Brasileira



Página 14 Partitura

Esta quinzena disponibilizamos a música “Carinhoso, do mestre Pixinguinha e de João de Barro



CHORA BRASIL

Diretores de criação:

Adriano Caversan - RA: 178531-1

Ana Paula Marotti - RA: 178937-6

Cleiton Devesa - RA: 893975-6

Sônia Trimboli - RA: 178790-0

Redatora chefe:

Ana Paula Marotti - RA: 178937-6

Diretor de Arte:

Adriano Caversan - RA: 178531-1

Anúncios:

Adriano Caversan - RA: 178531-1

Ana Paula Marotti - RA: 178937-6

Cleiton Devesa - RA: 893975-6

Sônia Trimboli - RA: 178790-0

Infográficos:

Ana Paula Marotti - RA: 178937-6

Colaboradores:

Folha de São Paulo

Pixinguinha.com.br

sxc.hu

foto capa:

Dave Seeley Montagem Adriano

Caversan - RA: 178531-1

O Choro

fonte Almarque Folha



Quadro “Chorinho” de Cândido Portinari

Os primeiros conjuntos de choro surgiram por volta de 1880, no Rio de Janeiro —antiga capital do Brasil—, nascidos nas biroskas do bairro Cidade Nova e nos quintais dos subúrbios cariocas.

Esses grupos eram formados por músicos —muitos deles funcionários da Alfândega, dos Correios e Telégrafos, da Estrada de Ferro Central do Brasil—, que se reuniam nos subúrbios cariocas ou nas residências do bairro da Cidade Nova, onde muitos moravam.

O nome Choro veio do caráter plangente e choroso da música que esses pequenos conjuntos fa-

ziam. A composição instrumental desses primeiros grupos de chorões girava em torno de um trio formado por flauta, instrumento que fazia os solos; violão, que fazia o acompanhamento como se fosse um contrabaixo —os músicos da época chamavam esse acompanhamento grave de “baixaria”— e cavaquinho, que fazia o acompanhamento mais harmônico, com acordes e variações.

Esse tipo de música também era conhecida na época como pau-e-corda, porque as flautas usadas naquele tempo eram feitas de ébano. O choro foi o recurso que o músico popular utilizou para tocar, do seu jeito, a música importada que era

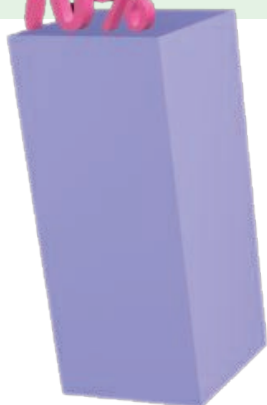
consumida, a partir da metade século 19, nos salões e bailes da alta sociedade. A música que os chorões tocavam, porém, logo se distinguiu em muito daquelas tocadas no nobres salões cariocas.

As primeiras referências ao organizador desses conjuntos de pau-e-corda citam o flautista Joaquim Antônio da Silva Calado, ou apenas, Calado.

Calado tinha grandes conhecimentos musicais e conseguiu reunir em torno de si os melhores músicos da época, os quais tocavam pelo simples prazer de fazer música. O repertório dessas bandas incluía

O brasileiro precisa valorizar seu acervo cultural

70%



70% dos ouvintes de chorinho possuem mais de 65 anos de idade.

5%



5% possuem entre 35 e 64 anos, mostrando que o gosto pelo chorinho caiu no esquecimento.

25%



Um dado animador é que 25% possuem menos de 34 anos, isso se deve aos projetos culturais que estimulam os jovens a formar rodas de choro resgatando seu acervo e revelando novos talentos.





Instrumentos musicais
típicos do choro
brasileiro:

Violão de 7 cordas,
violão, bandolim,
flauta, cavaquinho
e pandeiro

fonte Wikipédia

polcas, xotes, tangos e valsas. Entre a turma de Calado estavam nomes como Viriato Figueira da Silva, Patola, Saturnino, Luizinho e Silveira. Todos craques em fazer, propositalmente, modulações complicadas com intuito de “derrubar” os outros músicos.

O choro é marcado pelo ardil de seus participantes para derrubar aquele que esteja se saindo mais buliçoso, mais irrequeto que os outros. O choro é uma música feita de arquétipos que exigem do músico muito domínio de seu instrumento e uma apurada percepção de códigos e senhas que se encaixam em gigantescos improvisos.

O nascimento do choro e dessa sua fórmula de improvisação é 50 anos anterior ao jazz, no entanto, se constrói da mesma forma que a música negra norte-americana, ou seja, é feito como se fosse um jogo criativo executado com muita habilidade e genialidade.

Portanto, o tão falado improviso jazzístico já existia no Brasil dos tempos do Império. A construção inconfundível do choro é marcada pelo tema, as harmonias e as modulações, que são moldados por um acompanhamento rítmico, armado malandramente para testar o senso polifônico dos músicos e sua capacidade de improvisar em uma construção musical extremamente móvel.

Esses primeiros músicos improvisadores encontravam-se completamente ao acaso e não tinham nenhuma regra para o número de figurantes ou para o tipo de composição instrumental. Por causa desta informalidade o choro é hoje feito com a participação de vários tipos de instrumentos. O que determinava

O choro pode ser considerado como a primeira música urbana tipicamente brasileira.

a maneira como cada instrumento iria participar na música se dava em função da destreza do músico que o tocava, ou seja, não importava se fosse uma cavaquinista ou trombonista quem estava solando na música, o que importava era se ele era suficientemente hábil para fazer os solos.

Isso fez com que o bom músico de choro tivesse como condição básica ser também um bom improvisador. No século seguinte, essa música criada por instrumentistas populares cariocas que eram em sua maioria mestiços em processo de ascensão social, revelou, entre outros, grandes artistas como Sátiro Bilhar, Dino e João Pernambuco (três excelentes

violinistas); Lula Cavaquinho e Nelson Alves (cavaquinho); Patápio, Pixinguinha e Altamiro Carilho (mestres da flauta) e Jacó do Bandolim.

Com o advento do cinema mudo com orquestra na sala de espera, da indústria fonográfica e do rádio, esses músicos passaram a se profissionalizar e não precisavam mais trabalhar em empregos públicos como os primeiros chorões. Entretanto, havia instrumentistas como Donga que conservaram a atividade extra-musical. Donga era violonista e oficial de justiça.

Hoje, músicos, entre outros, como Paulinho da Viola, Paulo Moura, Isaías, Hamilton de Holanda, Hélio Delmiro, Turíbio Santos e também os conjuntos Época de Ouro, Água da Moringa, Trio Madeira Brasil, Premeditando o Breque, Galo Preto e muitos outros, mantêm em atividade essa manifestação instrumental popular que os grandes centros urbanos do Brasil produziram e produzem.

Aliás, foi induzido por essa música que Villa-Lobos criou uma de suas mais importantes composições, intituladas “Os Choros”.

Renato Roschel
Banco de Dados Folha

PIXING

Músicos, musicólogos e amantes de nossa música podem discordar de uma coisa ou outra. Afinal, como diria a vizinha gorda e patusca de Néelson Rodrigues, gosto não se discute. Mas, se há um nome acima das preferências individuais, este é Pixinguinha. O crítico e historiador Ari Vasconcelos sintetizou de forma admirável a importância desse fantástico instrumentista, compositor, orchestrador e maestro: “Se você tem 15 volumes para falar de toda a música popular brasileira, fique certo de que é pouco. Mas se dispõe apenas do espaço de uma palavra, nem tudo está perdido; escreva depressa: Pixinguinha.”

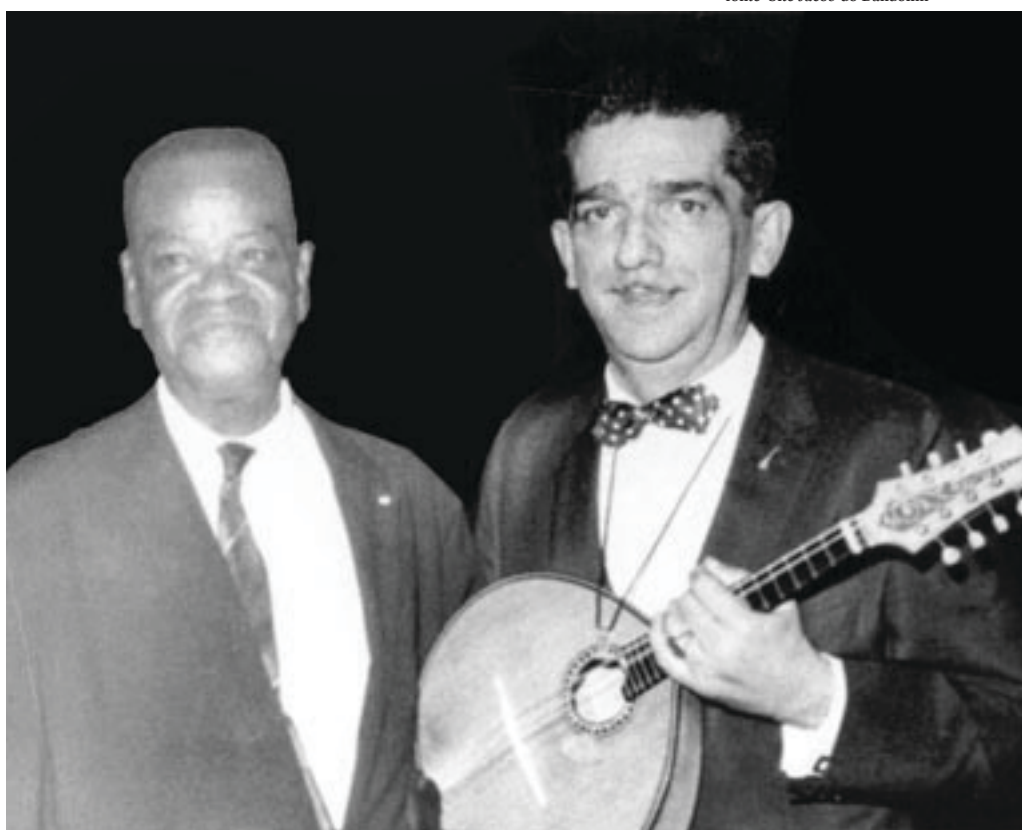
UINHA

por Sérgio Cabral



Uma rápida passagem pela sua vida e sua obra seria suficiente para verificar que ele é responsável por façanhas surpreendentes, como a de estreiar no disco aos 13 anos de idade revolucionando a interpretação do choro. É que naquela época (1911) a gravação de disco ainda estava em sua primeira fase no Brasil e os instrumentistas, mesmo alguns ases do choro, pareciam intimidados com a novidade e tocavam como se tivessem pisando em ovos, com medo de errar. Pixinguinha começou com segurança total e improvisou na flauta com a mesma tranquilidade com que tocava nas rodas de choro ao lado do pai e dos irmãos, também músicos, e dos muitos instrumentistas que formavam a elite musical do início do século XX.

Pixinguinha só não era eficiente em certos aspectos da vida prática. Em 1968, por exemplo, a música popular brasileira, os jornalistas, os amigos e o próprio governo do então estado da Guanabara mobilizaram-se para uma série de eventos comemorativos pela passagem dos seus 70 anos no dia 23 de abril. Sabendo que a certidão de nascimento mais utilizada em fins do século XIX era a certidão de batismo, o músico e pesquisador Jacob Bitencourt, o grande Jacob do Bandolim, compareceu à igreja de Santana, no Centro do Rio, para obter uma cópia da certidão de batismo de Pixinguinha, e descobriu que ele não fazia 70 anos, mas 71, pois não nascera em 1898 como sempre informou, mas em 1897. O erro fora consagrado “oficialmente” em 1933, quando Pixinguinha procurou o cartório para fazer a sua primeira certidão de nascimento. Mas não se enganou apenas no ano. Registrou-se com o mesmo nome do seu pai, Alfredo da Rocha Viana, esquecendo-se do Filho, que era seu, e informou errado o nome completo da mãe:



Jacob e Pixinguinha na festa dos 70 anos de Pixinguinha (Teatro Municipal, 1968)

Raimunda Rocha Viana em vez de Raimunda Maria da Conceição. O que é certo é que tinha muitos irmãos: Eugênio, Mário, Oldemar e Alice, do primeiro casamento de Raimunda, e Otávio, Henrique, Léo, Cristodolina, Hemengarda, Jandira, Hermínia e Edith, do casamento dela com Alfredo da Rocha Viana. Ele era o caçula.

A flauta e as rodas de choros não impediram que tivesse uma infância como as outras crianças, pois jogava bola de gude e soltava pipa nos primeiros bairros em que morou, Piedade e Catumbi. O pai, flautista, não só deu a ele a primeira flauta como o encaminhou para os primeiros professores de música, entre os quais o grande músico e compositor Irineu de Almeida, o Irineu Batina. Seu primeiro instrumento foi cavaquinho mas mudou logo para a flauta. Sua primeira composição, ainda bem menino, foi Lata de leite, um choro em três partes como era quase obrigatório na época. Também foi em 1911 que se incorporou à orques-

tra do rancho carnavalesco Filhas da Jardineira, onde conheceu os seus amigos de toda a vida, Donga e João da Baiana. O pai preocupava-se também com os estudos curriculares do menino, que, antes de frequentar os bancos escolares, teve professores particulares. Ele, porém, queria mesmo era a música. Tanto que, matriculado no Colégio São Bento, famoso pelo seu rigor, matava aula para tocar no que seria o seu primeiro emprego, na casa de chope A Concha, na Lapa Boêmia. “Às vezes, ia lá com a farda do São Bento”, recordou Pixinguinha em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som. Tudo isso, antes de completar os 15 anos, quando inclusive trabalhou como músico na orquestra do Teatro Rio Branco. Em 1914, com 17 anos, editou pela primeira vez uma composição de sua autoria, chamada Dominante. Na edição da Casa Editora Carlos Wehrs, seu apelido foi registrado como Pinzindim. Na verdade, o apelido do músico ainda não contava com uma grafia definitiva, pois fora criado pela sua avó africana.



Pixinguinha e os Oito Batutas

O significado de Pinzindim teve várias versões. Para o radialista e pesquisador Almirante, significava “menino bom” num dialeto africano, mas a melhor interpretação, sem dúvida, é a do pesquisador de cultura negra e grande compositor Nei Lopes, que encontrou a palavra psi-di numa língua de Moçambique, que significa comilão ou glutão. Como Pixinguinha já carregava também o apelido caseiro de Carne Assada, por ter sido surpreendido apropriando-se indevidamente um pedaço de carne assada antes do almoço que seria oferecido pela família a vários convidados, é provável que a definição encontrada por Nei Lopes seja a mais correta.

Em 1917, gravou um disco do Grupo do Pechinguinha [sic] na Odeon com dois clássicos da sua obra de compositor, o choro Sofres porque queres e a valsa Rosa, sendo que esta última tornou-se mais conhecida em 1937, quando foi gravada por Orlando Silva. Naquela altura, ele já era um personagem famoso não só pelo seu talento de

Pixinguinha aos 9 anos, já tocava cavaquinho; aos 17 anos fez as primeiras instrumentações; 19 anos era um respeitado compositor.

compositor e de flautista como por outras iniciativas, entre as quais sua participação no Grupo do Caxangá, que saía no carnaval desde 1914 e era integrado por músicos importantes como João Pernambuco, Donga e Jaime Ovale. E era também uma das figuras principais das rodas de choro na famosa casa de Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida), onde o choro ocorria na sala e o samba no quintal. Foi lá que nasceu o famoso Pelo telefone, de Donga e Mauro de Almeida, considerado o primeiro samba

gravado. Em 1918, Pixinguinha e Donga foram convocados por Isaac Frankel, proprietário do elegante cinema Palais, na Avenida Rio Branco para formar uma pequena orquestra que tocaria na sala de espera. E nasceu o grupo Oito Batutas, integrado por Pixinguinha (flauta), Donga (violão), China, irmão de Pixinguinha (violão e canto), Nelson Alves (cavaquinho), Raul Palmieri (violão), Jacob Palmieri (bandola e reco-reco) e José Alves de Lima, Zezé (bandolim e ganzá). “A única orquestra que fala alto ao coração brasileiro”, dizia o letrado colocado na porta do cinema. Foi um sucesso, apesar de algumas restrições de caráter racista na imprensa. Em 1919, Pixinguinha gravou Um a zero, que compusera em homenagem à vitória da seleção brasileira de futebol sobre a uruguaia, dando ao país seu primeiro título internacional, o de campeão sulamericano.

É impressionante a modernidade desse choro, mesmo quando comparado a tantas obras criadas mais de meio século depois. Os Oito Batutas viajaram pelo Brasil e, em fins de



1921, receberam um convite irrecusável: uma temporada em Paris, financiada pelo milionário Arnaldo Guinle. E, no dia 29 de janeiro de 1922, embarcaram para a França, onde permaneceram até agosto tocando em casas diferentes, sendo a maior parte do tempo no elegante cabaré Sheherazade. Foi em Paris que Pixinguinha ganhou de Arnaldo Guinle o saxofone que iria substituir a flauta no início da década de 1940, e Donga recebeu o banjo, com o qual faria muitas gravações. Na volta da França, o grupo fez várias apresentações no Rio de Janeiro (inclusive na exposição comemorativa do centenário da independência) e, em novembro de 1922, novamente os Oito Batutas viajaram, dessa vez para a Argentina, percorrendo o país durante cerca de cinco meses e gravando vários discos para a gravadora Victor. Na volta ao Brasil, a palavra Pixinguinha já ganhara sua grafia definitiva nos discos e na imprensa. Novas apresentações

em teatros e em vários eventos e muitas gravações de disco, com seu grupo identificado com vários nomes: Pixinguinha e Conjunto, Orquestra Típica Pixinguinha, Orquestra Típica Pixinguinha-Donga e Orquestra Típica Oito Batutas.

Os arranjos escritos para seus conjuntos chamaram a atenção das gravadoras, que sofriam na época com a quadridade dos maestros da época, quase todos estrangeiros e incapazes de escrever arranjos com a bossa exigida pelo samba e pela música de carnaval. Contratado pelo Victor, fez uma verdadeira revolução, vestindo a nossa música com a brasilidade que fazia tanta falta. São incontáveis os arranjos que escreveu durante os anos em que atuou como orchestrador das gravadoras brasileiras. Tudo isso nos leva a garantir que não estará cometendo qualquer exagero quem afirmar que Pixinguinha foi o grande criador do arranjo musical brasileiro.

Na década de 1930, gravou também muitos discos como instrumentista e várias músicas de sua autoria (entre as quais as fantásticas gravações de Orlando Silva de Rosa e Carinhoso), mas o mais expressivo daquela fase (incluindo mais da metade da década de 1940) foi a sua atuação como arranjador. Em 1942, fez a última gravação como flautista num disco com dois choros de sua autoria: Chorei e Cinco companheiros. Ele nunca explicou direito a troca para o saxofone, embora se acredite que o consumo excessivo de bebida seja o motivo. Mas a música brasileira foi enriquecida pelos contrapontos que fazia no sax e com o lançamento de dezenas de disco em dupla com o flautista Benedito Lacerda, certamente um dos momentos mais altos do choro em matéria de gravações. Em fins de 1945, Pixinguinha participou da estréia do programa “O pessoal da Velha Guarda”, dirigido e apresentado pelo radialista Almirante e que contava também com a participação de Benedito Lacerda. Em julho de 1950, uma iniciativa inédita de Pixinguinha: gravou cantando o lundu da sua autoria (letra de Gastão Viana) Yaô africano, que foi gravado em 1938.

Em 1951, o prefeito do Rio, João Carlos Vital, nomeou-o professor de música e de canto orfeônico (ele era funcionário da prefeitura desde a década de 1930). Até aposentar-se deu aulas em várias escolas cariocas. A partir de 1953, passou a frequentar o Bar Gouveia, no Centro da cidade, numa assiduidade interrompida apenas por problemas de doenças. Acabou contemplado com uma cadeira permanente, com o seu nome gravado, na qual apenas ele poderia sentar. Um grande acontecimento

foi o Festival da VelhaGuarda, que comemorava o quarto centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Pixinguinha reuniu o seu pessoal da Velha Guarda (mais uma vez sob o comando de Almirante) e realizaram várias apresentações no rádio, na televisão e em praça pública com a assistência de dezenas de milhares de paulistas. Antes da volta ao Rio, Almirante recebeu uma carta do presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, dizendo, entre outras coisas, que, “dentre todas as extraordinárias festividades em que se comemora o quarto centenário, nenhuma teve maior repercussão em São Paulo, nem conseguiu tocar mais profundamente o coração do seu povo”. Em 1955, foi realizado o segundo Festival da Velha Guarda, mas sem a repercussão do primeiro.

O mais importante de 1955, para Pixinguinha, foi a gravação do seu primeiro long-play, com a participação dos seus músicos e de Almirante. O disco recebeu o nome de “Velha Guarda”. No mesmo ano, a turma toda participou do show O samba nasce no coração, na elegante casa noturna Casablanca. No ano seguinte, a rua em que ele morava, no bairro de Ramos, a Berlamino Barreto, ganhou o nome oficial de Pixinguinha, graças a um projeto do vereador Odilon Braga, sancionado pelo prefeito Negrão de Lima. A inauguração contou com a presença do prefeito e de vários músicos e foi comemorada com uma festa que durou dia e noite, com muita música e bastante álcool. Em novembro de 1957, ele foi um dos convidados pelo presidente Juscelino Kubitschek para almoçar com o grande trompetista Louis Armstrong no Palácio do Catete. Em 1958, depois de um almoço no clube Marimbás e sofreu um mal súbito.



No mesmo ano, seu conjunto da Velha Guarda foi o escolhido pela então poderosa revista O Cruzeiro para recepcionar os jogadores da seleção brasileira, que chegavam da Suécia com a Copa do Mundo conquistada.

Em 1961, fez várias músicas com o poeta Vinícius de Moraes para o filme Sol sobre a lama, de Alex Viany. Em junho de 1963, sofreu um enfarte que o levou a passar várias internado num casa de saúde.

Em 1968, seus 70 anos (que, na verdade, como vimos, eram 71) foram comemorados com um espetáculo no teatro Municipal que rendeu um disco, uma exposição no Museu da Imagem e do Som, uma sessão solene na Assembléia Legislativa carioca e um almoço que reuniu centenas de pessoas numa churrascaria da Tijuca. Em 1971, Hermínio Belo de Carvalho produziu um disco intitulado Som Pixinguinha, com orquestra e solos de Altamiro Carilho na flauta. Em 1971, um daqueles

momentos que levavam seus amigos e considerá-lo santo: sua mulher, dona Beti, passou mal e foi internada num hospital. Dias depois, foi ele acometido de mais um problema cardíaco, foi também internado no mesmo hospital, mas, para que ela não percebesse que também estava doente, colocava um terno nos dias de visita e ia visitá-la como se estivesse vindo de casa. Por essa e por outras é que Vinícius de Moraes dizia que, se não fosse Vinícius, queria ser Pixinguinha. Dona Beti morreu no dia 7 de junho de 1972, aos 74 anos de idade.

No dia 17 de fevereiro de 1973, quando se preparava para ser o padrinho de uma criança na Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, sofreu o último e definitivo enfarte. A Banda de Ipanema, que fazia naquele momento um dos seus mais animados desfiles, desfez-se imediatamente com a chegada da notícia. Ninguém queria saber de carnaval.

Partitura

Carinhoso é uma das obras mais importantes da música popular brasileira, foi composta entre 1916 e 1917 por Pixinguinha e posteriormente recebeu letra de João de Barro, sendo gravada com grande sucesso por Orlando Silva. Voltou a ser grande sucesso romântico nos anos 70 quando uma regravação foi escolhida como música tema da telenovela da TV Globo Carinhoso, estrelada pelos astros do gênero Regina Duarte e Cláudio Marzo

Carinhoso

Pixinguinha
& João de Barro

Intro

D_b^7/A_b F/A D^7 G^9 C^7 F B_{bm}^6/D_b C^7

A

F F/C $C\sharp^{aug}$ Dm $C\sharp^{aug}$ F/C $C\sharp^{aug}$ Dm $D\sharp^o7$

A_m/E F $F\sharp_m^{7b5}$ F A_m/E F Maj^7 $F\sharp_m^{7b5}$ A^7 Dm_4 G^9

C^9 F^7 $B_b^{Maj^7}$ A^o7 Gm^7 G^9 B_{bm}^6/D_b C^7

1. 2. B

F B_{bm}^6/D_b C^7 F F F E^7 A_m A_m^7/G

Dm/F E^7 A_m A_m A_b^7 C/G A_m^7

C

D^7 G^9 C D_b^7/A_b Gm^7 C^7 F F E^7

E^7/A_b Gm^7 C^7 F E_m^{7b5} A^7 Dm $C\sharp^o7$

Dm^7 F^7/C B_b^6 $D^7/F\sharp$ Gm^7 B_{bm}^6 F/A F C^7_{sus4} C^7

To Coda D.S. al Coda

F F^7/E_b B_b/D B_{bm}^6/D_b F/C F^7/E_b B_b/D B_{bm}^6/D_b

Φ Coda

B_b/D B_{bm}^6/D_b F F

 **Faculdade**
SOUZA LIMA
& Berklee
1ª Faculdade Internacional
de Música do Brasil
Reconhecida pela Berklee -EUA

Berklee
COLLEGE OF MUSIC

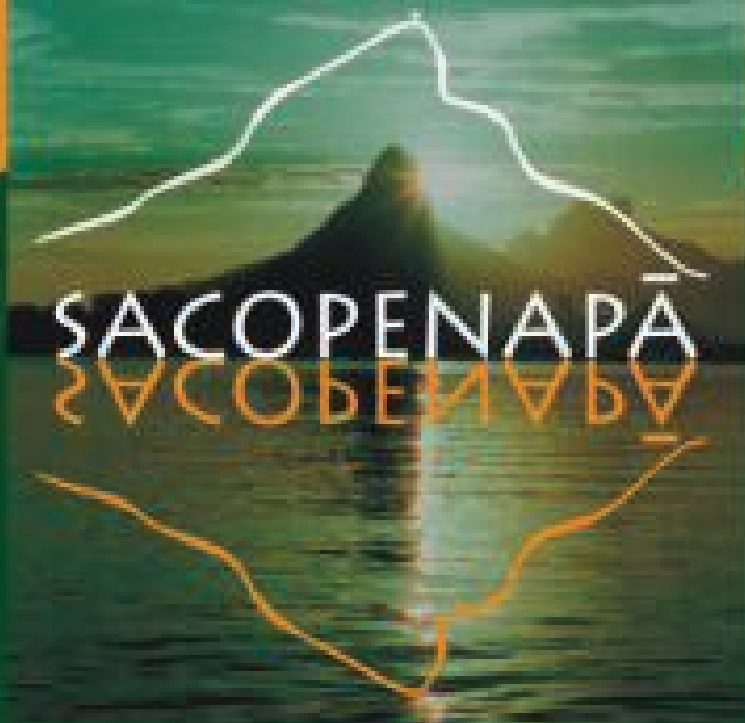
PROCESSO SELETIVO EXCLUSIVO!

Julho - 2007

- Prova teórica: dia 21/07
- Prova prática: dia 22/07



www.souzalima.com.br/faculdade



UMA SINFONIA PARA A LAGOA

de EDMUNDO SOUTO

DIA 6 DE MARÇO ÀS 19H,

LAGOA RODRIGO DE FREITAS - PARQUE DO CANTAGALO.

ANIVERSÁRIO DO RIO DE JANEIRO



Grupo Quatro

CD Sopros e Cordas
em abril nas melhores lojas



Choro e Arte

Instrumentos musicais

novos e usados

Partituras

Escola de Música



Participe

roda de Chorinho

nos saraus de sexta

Praca Benedito Calixto, 50

22:00hs